

ELAINE CRISTINA DOS SANTOS

LABAFERO: A
DIVERSIDADE CULTURAL
DE MARUIM NO
PROCESSO DE
LEITURAÇÃO E
ESCRITURAÇÃO ATRAVÉS
DO CORDEL.



Ilustrador: Alan Santos de Jesus

ELAINE CRISTINA DOS SANTOS

CADERNO PEDAGÓGICO

**LABAFERO: a diversidade cultural de maruim no processo de leitura e escrita
através do cordel**

**São Cristovão
2021**

APRESENTAÇÃO

Caro (a) colega,

Este caderno é o produto final apresentado ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFS), cursado no biênio de 2019 a 2020, pela Universidade Federal de Sergipe. Com ele, você vai perceber que fazer aulas de Língua Portuguesa, abrangendo o gênero literário folheto de cordel, é propiciar atividades envolventes, dinâmicas e prazerosas.

Este trabalho reforça que a Literatura pode e deve ser trabalhada também no ensino fundamental; que ela, manifestada em forma de folheto de cordel, vem a ser um suporte significativo para efetivação de práticas de leitura, compreensão e escrita de texto. Além disso, você certamente notará que trabalharemos com a diversidade cultural da região na qual os alunos envolvidos neste trabalho estão inseridos.

Através da análise de como o processo de leitura e escrita, atrelados ao folheto de cordel *“As aventuras de Otto Sharamm – as cobras do porão do gabinete de leitura de Maroim”*, de Hefraim A. Israel, e a diversidade cultural regional, organizadas aqui em forma de sequência didática, você notará o quanto essa junção de áreas de conhecimento pode ser útil ao trabalho de professor nas situações de fomento à leitura, à escrita e à reafirmação da identidade cultural dos educandos.

Para ajudar na realização dessa proposta, este caderno lhe oferece um conjunto de atividades que pode servir de base para suas ações pedagógicas, sem perder de vista o processo de acompanhamento das aprendizagens dos alunos em cada etapa, isto é, o trabalho com a avaliação formativa.

Dessa forma, procuramos organizar cada atividade de maneira que você possa desenvolvê-la da melhor forma possível e, gradativamente, transformar as aulas de letramento em várias oportunidades de aprendizagens interativas e significativas – nos trinques e sem brechas para gasturas ou labaferos.

Bom proveito deste caderno e sucesso!

Para começar nossa prosa: o letramento

O ensino de leitura e escrita sempre foi abordado entre pesquisadores e educadores no decorrer de muitos anos, haja vista a falta de domínio por parte dos alunos da educação básica no que tange o ato de ler, escrever, comunicar-se oralmente, ler o mundo, enfim. Os resultados de avaliações internas e externas à escola retratam essa defasagem de aprendizagens e indicam que a educação básica necessita de um olhar mais sensível e ações mais eficazes e urgentes por parte de todos que compõem a educação.

Diante dessas considerações, muitos professores de língua portuguesa têm se preocupado com essa realidade e procuram maneiras de ajudar a formar leitores e escritores nas suas turmas. Sabe-se que ler com propriedade é uma tarefa difícil, mas necessária. Contribuindo com a importância da formação de leitores, Leffa (1996, p. 32) mostra que “[...] a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguem realizar essa aprendizagem”. Fica evidente que as palavras de Leffa (1996) condizem com a preocupação dos professores.

Entretanto a questão da leitura é complexa. Paulo Freire (1989, p. 27-38) nos deixa a seguinte lição:

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação.

Freire (1989) citado por Silva (2009, p. 31) deixa claro que “Leitura sem compreensão não é leitura”. Por isso este caderno levará em consideração procurar atender à necessidade de atividades que objetivem a compreensão leitora. Vistas dessa forma, as aulas de leitura podem ter como objetivo formar o leitor competente, capaz de realizar, por meio do ato de ler, a leitura de mundo, de si mesmo, do outro da comunidade em que está inserido, da condição do ser humano e de cidadão de uma realidade lida e entendida.

As aulas de leitura são aqui idealizadas, portanto, na perspectiva interativa:

Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimento prévio. Precisamos nos envolver em

um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas (SOLÉ, 1999, p.23).

Tais interações entre os textos e seus elementos e a própria bagagem socioculturais dos alunos podem ser realizadas sob o viés das práticas históricas, sociais e culturais, pois “o homem deixa as marcas do seu agir, dos seus feitos, das suas descobertas, das suas relações sociais, enfim, marcas da sua identidade cultural” (PAIM, 2019, p.40). Essas considerações explicam este trabalho de letramento pautado na diversidade cultural.

O processo de escrita, visto como a última etapa do caminho do letramento, também precisa reconhecer os seus atores e perceber a ligação existente entre a linguagem e o social, o mundo, para que possa ser um reflexo da interação social. Geraldi (2012) salienta que a produção textual precisa ser entendida por seus alunos e professores:

[...] a sua funcionalidade, a subjetividade de seus locutores e interlocutores e seu papel medidor entre a relação homem-mundo [...]. Para mantermos uma coerência entre uma concepção de linguagem como interação, está nos conduz a uma mudança de atitude – enquanto professores – ante o aluno. Dele precisamos nos tornar interlocutores para, respeitando-lhe a palavra, agirmos como parceiros (GERALDI, 2012 p.128).

Podemos, assim, “devolver o direito à palavra ao aluno”, como enfatiza Geraldi (2012, p. 131), à luz das condições sociais e culturais nas quais estão inseridos. Este é um caminho para que o aluno protagonize, com a ajuda do (a) professor (a), o ato de escrever com propriedade, um direito seu e um dos objetivos das escolas.

Por tudo isso, a leitura e a escrita são, então, elementos essenciais na sequência didática contida neste caderno pedagógico. As atividades que proporcionam o ato de ler e escrever sob os moldes da interação e considerações da diversidade cultural estão também imbricadas nas atividades propostas. Mais especificamente com a da Literatura de cordel ou folheto de cordel. Este é o gênero escolhido para desenvolver este trabalho pedagógico.

Mas, por que folheto de cordel?

Primeiro, porque o (a) professor (a) de língua portuguesa fará justiça à Literatura de cordel quando a apresenta aos seus alunos, quando trabalha um folheto na sua totalidade (desde a capa até o seu último verso); porque a Literatura de Cordel é um gênero literário riquíssimo, ainda que se pronuncie o contrário. Em segundo lugar, um folheto de cordel é carregado de cultura da região Nordeste que traz, tanto na forma verbal quanto visual, leituras diversas (ROIPHE, 2011; 2013) e significativos encontros com a cultura local.

Entretanto, tanto a BNCC (Base Nacional Curricular Comum) quanto o Referencial Curricular de Sergipe não contemplam a literatura de cordel no ensino fundamental maior, mas podemos observar que as atividades com poesia podem ser espelho para trabalharmos o folheto de cordel nos anos finais do ensino fundamental, conforme orienta a habilidade de Língua portuguesa:

(EF89LP36) Parodiar poemas e canções conhecidos da literatura local e mundial e criar textos em versos [...], explorando o uso de recursos sonoros e visuais (como relações entre imagem e texto verbal, de forma a propiciar diferentes efeitos de sentido e publicá-los em coletâneas para compor a biblioteca da escola e/ou para distribuir para amigos e familiares [...], bem como em realizações de concursos, saraus, clubes de leitura etc. (SERGIPE, 2018, p. 350).

Sob essa ótica, trabalharemos o folheto de cordel, conforme atividades descritas na sequência deste caderno, que contempla a habilidade mencionada: práticas pedagógicas interativas pautadas em estratégias de leitura e escrita que têm por objetivo dar voz ao aluno desde os primeiros contatos com o texto até a própria produção da poesia narrativa. Há propostas de editoração e divulgação das produções em eventos escolares. Isso não só justifica, mas também incentiva a inserção do aluno no processo do letramento.

Como estamos abordando a questão do folheto, é de muita valia adentrarmos na sua historicidade. De acordo com Abreu (1999), é no final do século XIX que as cantorias nordestinas começam a ganhar a forma escrita sem, no entanto, perder os traços marcantes da oralidade. Segundo a autora, não há uma definição categórica acerca de quem foi o primeiro autor a imprimir seus poemas, mas, seguramente, Leandro Gomes de Barros foi o responsável pelo início da publicação sistemática em 1893.

No começo, os textos escritos eram chamados apenas de folhetos ou literatura de folhetos. A expressão literatura de cordel nordestina passou a ser empregada pelos estudiosos a partir de 1970, partindo daí a ser utilizada também pelos poetas. Todavia, “Os autores e consumidores nordestinos nem sempre reconhecem tal nomenclatura. Desde o início desta produção, referiam-se a ela como ‘literatura de folhetos’ ou, simplesmente ‘folhetos’” (ABREU, 1999, p.17). Essa é, pois, a denominação também adotada nesta pesquisa ao abordar a produção feita no Nordeste brasileiro: “folheto”, seguida pela expressão “de cordel”, adotada pelos estudiosos a posteriori.

O folheto de cordel se apresenta com sua forte marca da oralidade, numa sequência de rima, ritmo, repetições, musicalidade oriunda do seu nascedouro, onde sua matriz e motivação transitam pelo espaço da letra para eclodir na voz. Uma voz que se agiganta nas peripécias dos

personagens das histórias narradas, que se avoluma no imaginário de quem lê, e de quem ouve e se torna puro ressoar, sem marcas temporais, sem mordças, leve, solta, livre, numa contrariedade à escrita que é fixa, engessada e finita. Além do caráter de oralidade, a Literatura de cordel traz as mais diversas nuances históricas e diferentes possibilidades de leitura. O cordel tem a vantagem de ser uma leitura de linguagem simples, escrita breve com narrativas de fatos reais e/ou imaginários. Atributos estes que envolvem, despertam, e fascinam o leitor para novas descobertas no mundo da leitura.

Escolhemos o folheto *As Aventuras de Otto Schramm- as cobras do porão do gabinete de leitura de Maroim*, Hefraim A. Israelí, pois além das simbologias, peripécias do herói, fantasia, narra ficção com personagens históricos de Maruim-SE, contempla locais, monumentos, falares peculiares do povo maruinense. É autor habitante do mesmo município em referência.

A diversidade cultural

Muito difícil é tecer abordagem sobre folheto de cordel sem envolver as questões de tradições regionais, diversidade cultural. A literatura de cordel é repleta das memórias, linguagem, costumes, crenças e outros caracteres que formulam a identidade cultural de um povo. Separemos por enquanto a linguagem. Esta comumente se apresenta em um folheto de forma simples e/ou marcada pela variante linguística popular.

Apartados de preconceitos linguísticos, podemos observar que “as línguas fornecem também meios de constituição de identidade cultural” (GERALDI, 2012, p.35). Trabalhar com o folheto nos conduz a estudar as variantes. Especialmente as regionais e populares:

Além disso, operar com a variação linguística exige do leitor perceber as marcas linguísticas reveladoras da identidade tanto do locutor quanto do interlocutor de um texto. Ou seja, entram em foco as situações de interlocução e as possíveis variações de fala/escrita (FERRAREZZI JR.; CARVALHO, 2017, p.164).

O trabalho com diversidade linguística revelará a riqueza da cultura de um povo. Tomemos aqui alguns exemplos de falares populares de uma região sergipana:

- Tucudo (malvado, cruel);
- Maria fuá (mulher briguenta);
- Pau de virar tripa (pessoa muito magra);
- Tolebada (fatia generosa);

- Desmarzelado (desarrumado, desleixado);
- Se enrolar (cobrir-se com lençol ou colcha);
- Agarrar no sono (adormecer);
- A pulso (à força, contra sua vontade);
- Azuado (nervoso, confuso);
- Carão (bronca, repreensão);
- Cobra criada (astuto, malandro);
- Vote [ô] (interjeição para expressar repulsa, susto, indignação, etc);
- Malino (que mexe em algo com teimosia);
- Gastura (mal estar físico, aflição).

Os exemplos citados mostram como o léxico da língua portuguesa falada no Brasil é diverso, rico, nunca errado. Considerando o exposto, fica evidente que se precisa ter uma consciência dos usos da língua. Paim (2019, p. 29) elucida que “o conhecimento consciente de uma língua [...] implica o reconhecimento dessa dinâmica evolutiva e diversificante que torna qualquer língua resistente à normatização”. É refletindo sobre essa diversidade e outras que o trabalho com folheto de cordel poderá galgar bons resultados nas atividades de leitura e escrita.

Dialogando com o cordel *as aventuras de otto schramm- as cobras do porão do gabinete de leitura de Maroim*

O folheto de cordel *As Aventuras de Otto Schramm- as cobras do porão do gabinete de leitura de Maroim*, produzido em 2019, é o texto escolhido deste caderno. Trabalharemos a leitura verbo-visual simplesmente, porque se trata “da linguagem verbal e da linguagem visual, simultaneamente, em sua composição, tratando-se, portanto, de um gênero verbo-visual” (ROIPHE, 2011, p. 118). Vale reforçar que a obra vislumbra uma riqueza enquanto diversidade cultural do município de Maruim-SE, representada tanto no caráter visual quanto textual. Esses caracteres foram fundamentais para a escolha do texto.

Importa salientar que o autor, além de ser munícipe de Maruim, também foi meu aluno da escola pesquisada. O escritor Hefraim A. Israelí estudou nesta unidade de ensino, desde o 5º ano (antiga 4ª série), até a conclusão do ensino médio. Foi meu aluno durante a 1ª série do ensino médio. Ali, na adolescência, tornou-se notório na arte da poesia, ganhando diversos prêmios em concursos de poesia, feiras literárias, dentre outros. Hoje, Hefraim A. Israelí é acadêmico em museologia na Universidade Federal de Sergipe (UFS); é estudante de línguas judaicas, é memorialista, pesquisador da Academia Maruinense de Letras e Artes, colunista do *blog Maruim em Pauta*, ativista dos Direitos Humanos, autor de várias obras publicadas.

Voltando para o folheto, podemos notar que a capa é dotada de uma vasta quantidade de símbolos, figuras, disposição das personagens etc. Ao percorrer pela linguagem visual nela contida, podemos perceber os principais personagens: o homem de cartola (Otto Schramm) e uma cobra rainha. Percebemos a majestade da cobra pelas figuras do trono, cetro e coroa, bem como seus súditos: as cobras “menores”. Pelo título, somos informados que na história teriam cobras num porão de um gabinete de leitura. Também ficamos a par do local onde se passa a história – Maroim - como era pronunciado e escrito o nome município sergipano, até poucas décadas atrás.

Figura 1 - Capa do folheto



Fonte: ISRAELI, H. A. (2019).

Quanto ao tempo, a forma como está grafado o nome da cidade “Maroim”, os trajes e acessórios do personagem principal, as palavras em latim, parece-nos remeter à história que se dá no passado, séculos atrás. Outros pontos a considerar: as expressões das cobras são realmente de ironia? As demais grafias e símbolos estão fáceis de decifrar? Resta-nos ler todo o texto e seu contexto para compreendermos sua narrativa.

Trata-se de uma narrativa em verso, composta de 20 páginas, 53 estrofes que estão apresentadas em quadras. Os versos não estão dispostos com metrificação única (há setilha, oitava e de oito versos) com rima ABCB. Este folheto conta a heroica história do alemão Otto Scharamm, então cônsul em Maruim-SE no século XIX. Este é o personagem principal da trama, tendo como antagonistas as cobras que sitiaram a cidade de Maruim. É nesse cenário que o empresário alemão inicia sua luta pela libertação da cidade onde vive:

Todavia a Otto Scharamm
As áspides encurralaram.
Tomaram o cônsul consigo

E para a praça os arrastaram.
 [...]
 E, diante de seus olhos,
 Contemplou, lá parada:
 A Grã Corte das serpentes
 E sua rainha coroada.

Curva-te! – Exclamou.
 E respondeu: - Isso é piada!
 Para onde já vai isso?!
 Uma cobra coroada?

É nesse ‘labafero’ que o herói alemão vai em busca de liberdade para o povo maruinense acabar com regnum tenebris – reino tenebroso das cobras. Nisso, sua tia Adolphine lhe dá uma flauta mágica com poderes de encantar até serpentes e mandá-las de volta para o porão misterioso do gabinete de leitura de Maruim, de onde haviam fugido. A última estrofe deixa claro que as cobras foram dominadas e presas no porão.

Desde o acontecimento
 O porão vive trancado
 Pois de lá saiu um mal
 Mui feroz e condenado.

O folheto conta com uma dose de lenda que permeia o porão do gabinete. Há quem diga que há grande mistério, algo de muito assombroso no porão do prédio da atual biblioteca pública da referida cidade que ainda leva o nome tradicional de Gabinete de Leitura de Maruim.

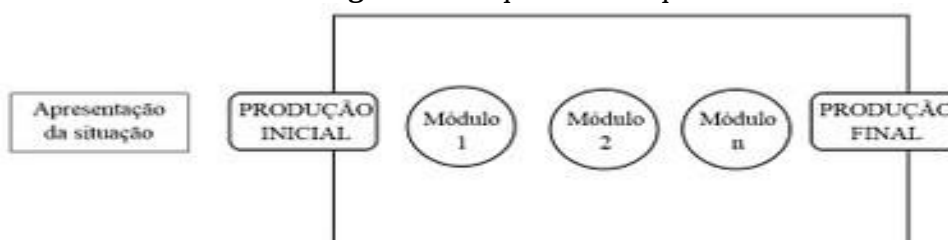
Com respeito à linguagem, o texto traz a linguagem portuguesa simples e coloquial, com pinceladas da linguagem erudita (a gosto do próprio autor). Há algumas expressões regionais, como: labafiro (confusão), escarcéu (desordem), ‘se há um homem, é esse’ (corajoso); ‘uai, senhor dos passos’ (socorro, senhor dos passos); ‘para onde já vai isso?’ (Que absurdo!); presepada (loucura, absurdo, desordem); ‘isso é piada (inacreditável). Tais expressões são comumente faladas no dia a dia dos maruinenses. Há também expressões de origem alemã: guten morgen = bom dia; Mein Gott = Meu Deus.

Certamente a prática de leitura e escrita com este folheto, além de contribuir para realização do letramento da turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola de Maruim-SE, servirá como suporte de (re) conhecimento da cultura local, seus ambientes, sua história e, por tudo isso, sua identidade cultural. A autoestima dos alunos tenderia a aumentar, por se darem conta de que sua cidade produz vários cordelistas atuantes, que contam quem foi e quem é Maruim, quem foram seus antepassados e quem são eles.

Como será mesmo a sequência didática com folheto de cordel?

Como sugestão de prática pedagógica, apresentarei a sequência didática. Nela estão reunidas todas as atividades elaboradas para fins de letramento com o folheto de cordel e diversidade cultural. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011), um trabalho pedagógico fundamentado em sequência didática engloba componentes cruciais para obtenção de aulas eficazes.

Figura 2 - Esquema da sequência didática



Fonte: (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2011, p 83).

Qualquer ação pedagógica deve ser uma prática que vislumbre objetivos de um planejamento. Nesse sentido, as aulas planejadas têm caráter sistemático e organizado. No que diz respeito à sequência didática, existe nesse plano de ensino e aprendizagem um ponto de partida, um caminho a ser trilhado (módulos) conectado com a avaliação formativa. Para elaboração de um planejamento dessa categoria, o (a) professor (a) precisa levar em conta não só esses aspectos, mas também deve estar cômico das concepções sociais e conhecimento de mundo alunos. A sequência didática engloba todos esses caracteres.

Recorrer ao folheto de cordel para efetivação do processo de letramento é tentar estimular o alunado a participar efetivamente nas atividades de escuta, de oralidade, de leitura e compreensão e escrita de texto. O folheto, produzido na cidade dos alunos pesquisados, de autoria de contrerrâneo, e a própria carga de cultura local contida no folheto tendem a aproximar o texto dos leitores e fazer com que as atividades embasadas no texto tendem a serem mais exitosas.

Neste caderno, organizei o trabalho proposto do seguinte modo:

Ordem das etapas	Módulo	Atividades	Tempo estimado
1ª etapa	Apresentação da situação	O (A) professor (a) apresenta a sequência didática e os seus objetivos.	01 aula
2ª etapa	Antecipação da leitura	Apresentação do cordel a ser trabalhado; leitura	02 aulas

		compartilhada da capa do folheto. Jogo caça-palavras.	
3ª etapa	Leitura e compreensão do texto	O (A) professor (a) faz leitura expressiva das dez primeiras estrofes e levanta questões para suscitar a compreensão do texto.	01 aula
		Leitura integral de forma silenciosa, depois expressiva e compartilhada do texto.	01 aula
		Atividade em dupla com apostila para compreensão da leitura, da estrutura. E contexto sociocultural do folheto de cordel.	02 aulas
4ª etapa	Processo de escrita de folheto de cordel em dupla	Pesquisa para coleta de palavras ou expressões culturais da localidade; Registro com fotos de pontos históricos maruinenses.	01aula
		Organização da exposição da coleta de palavras populares da região e planejamento da escrita dos folhetos em dupla e ilustração da capa.	01 aula
		Exposição da pesquisa e Jogo Corrida do Dicionário Regional e mostra de cartazes com expressões populares.	01 aula
		As duplas entregarão a primeira versão dos seus folhetos, já autocorrigidos, à professora.	01 aula

Avaliação: No decorrer de cada atividade, os alunos serão avaliados através de um mapa avaliativo (ver apêndice B) que tem como finalidade observar os avanços e dificuldades dos alunos principalmente por meio da observação dos resultados adquiridos frente aos objetivos de cada módulo. Em outras palavras, será considerada a avaliação formativa defendida por Perrenoud, (1999). Dependendo das implicações, o (a) professor (a) reorganiza sua sequência, caso seja necessário. Ou seja, a avaliação será efetivada em todas as etapas desta sequência didática.

1ª etapa- Apresentação da situação - 01 aula

- Roda de conversa com os alunos sobre a sequência a ser trabalhada: os objetivos, organização e utilidade da sequência. Os alunos serão informados que o gênero literário do projeto é o folheto do seu conterrâneo Hefraim Andrade Israelí; também serão informados que a sequência contemplará as etapas de letramento (leitura, compreensão e produção de texto) vinculados ao contexto sociocultural maruinense e como este trabalho pode fortalecer a cultura local.

Um tiquinho de teoria

[...] O leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (...) não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita. (PCN – 2001 p. 125)

IMPORTANTE!!!

A avaliação formativa irá conduzir tanto o trabalho docente, como o discente também. Significa que, para cada atividade, o professor e seus alunos vão refletir sobre as experiências em vivência e aquelas já vivenciadas para tomar decisões que intencione o bom andamento da aprendizagem. Para Perrenoud (1999), essa avaliação se dá na comunicação existente nas aulas professor–aluno, aluno-aluno, aluno-professor (PERRENOUD, 1999, p. 116). Assim, a conversa informal na apresentação da situação será de grande valia para dar o pontapé inicial no processo de avaliação.

2ª etapa- Antecipação da leitura - 02 aula

- A professora vai montar numa mesa com vários tipos de gêneros literários, incluindo vários folhetos de cordéis de diversas autorias, e pedirá que os alunos escolham uma obra e, na roda de conversa, identifiquem os cordéis e expressem oralmente porque acreditam que aquelas obras são desse gênero, explorando todas as características possíveis (verbal e visual);
- Em seguida, o (a) professor (a) efetivará a palestra interativa com o autor da obra *As aventuras de Otto Schramm...* sobre breve histórico do cordel (criação, circulação, leitura etc.) e contexto da criação do folheto em questão (motivações); conversa sobre curiosidades dos alunos referentes à obra;
- Leitura verbo-visual compartilhada da capa do cordel;

- Em grupos pequenos, utilizar um caça-palavra elaborado pela professora para encontrar elementos contidos na capa do cordel;
- Roda de conversa, pós leituras e palestra, para dedução da narrativa contida no cordel.



ENCONTRE NO CAÇA-PALAVRAS OS ELEMENTOS VERBO-VISUAIS QUE
CONSTAM NA CAPA DO FOLHETO DE CORDEL AS AVENTURAS DE OTTO
SCHARAMM – AS COBRAS DO PORÃO DO GABINETE DE LEITURA DE MAROIM

Y	M	T	R	H	Y	E	I	D	L	G	T	S	E	E	L	H	A	G	I	I	G
M	T	U	H	I	H	G	M	L	H	A	L	A	E	S	P	W	A	R	S	F	V
T	T	O	N	I	N	A	T	C	A	B	R	R	Y	F	A	S	I	H	E	O	M
S	V	P	R	G	R	S	H	U	N	I	I	V	T	L	N	N	H	G	H	L	E
T	T	I	F	U	E	A	E	L	N	N	H	A	U	Â	N	I	L	E	M	H	E
E	R	N	I	O	E	R	G	T	E	E	E	L	C	M	R	O	E	O	E	E	N
C	O	M	T	A	R	U	O	U	N	T	C	A	R	U	T	I	E	L	A	T	E
T	M	I	S	H	W	T	C	R	A	E	R	P	J	L	T	V	O	R	S	O	D
H	T	N	O	U	S	N	F	A	N	T	L	H	O	A	R	H	S	L	E	D	T
C	H	F	I	E	L	E	O	A	O	E	D	A	R	D	N	A	S	I	R	E	E
E	T	D	G	O	N	V	E	L	T	G	A	R	V	T	R	W	S	D	E	C	H
I	W	N	I	K	D	A	A	S	R	E	N	E	C	S	L	I	O	H	O	O	R
E	A	R	U	V	A	R	G	O	L	I	X	H	D	I	H	O	Y	T	T	R	P
G	N	Y	L	H	I	B	H	I	E	E	A	I	I	O	G	N	N	S	H	D	F
D	E	I	U	S	S	O	I	M	M	A	R	H	C	S	O	T	T	O	I	E	T
T	D	N	R	P	S	C	O	R	O	A	A	T	N	T	P	O	R	Ã	O	L	H

**AVENTURAS - CARTOLA - COBRA - COROA - CULTURA - FLÂMULA -
FOLHETO DE CORDEL - GABINETE - LEITURA - MARUIM - NAJA - OTTO
SCHRAMM - PALAVRAS - PORÃO - REGNUM - VALENTE -
XILOGRAVURA**

Fonte: Autoria própria (2020).

Um tiquinho de teoria

Segundo Roza (2018), a prática de jogar em sala de aula, “o próprio ato de brincar precisa ser visto como produtividade e que jogar é um processo intrinsecamente educativo, “essencial enquanto forma de humanização”. (PERROTTI, 1995, p. 26-27 apud ROZA, 2018, p. 176) A ludicidade com a capa do cordel é conveniente, pois, conforme Loureiro (2010, p. 261) a capa “dialoga com várias linguagens, tornando-se um artifício estético e semiótico do folheto que colabora para a revelação de significados implícitos e explícitos ao texto”. A autora acrescenta que a capa “acompanha as diversas relações do autor com variados contextos sociais e com as linguagens que os representam” conclui

Oxe, tem uma dica sim Sinhô!

Caso o (a) professor (a) não tenha possibilidade de efetivar uma palestra com o autor de cordel, pode montar slides ou cartazes com os alunos que apresentem a biografia e, se possível, o contexto histórico e social da obra escolhida.

IMPORTANTE!!!

Todas as atividades interativas deste módulo servirão de base para que os alunos consigam desenvolver os conhecimentos prévios da leitura. Esta etapa de leitura é de suma importância para a construção da compreensão do texto e para estimular a leitura integral.

Demonstração de Mapa Avaliativo da Antecipação de Leitura

Alunos / Desempenho	▪ Conseguiu identificar o gênero folheto de cordel.	▪ Atentou e participou ativamente da palestra sobre cordel.	▪ Participou da leitura da capa do cordel e do jogo caça-palavra.	▪ Deduziu herói, vilão, temática etc. e se interessou pela leitura integral do texto.
A1				
A2				
A3 ...				

Fonte: Autoria própria (2020).

Legenda:

E	EXCELENTE
S	SATISFATÓRIO
I	INSATISFATÓRIO

SOBRE O MAPA AVALIATIVO:

Com esse mapa, o (a) professor (a) vai colorir as células de cada aluno de acordo com o desempenho que ele/ela observou durante a aula. Vale ressaltar que os descritores de desempenho do mapa estão de acordo com os objetivos das atividades.

3ª etapa – a) Primeiras leituras da narrativa do folheto de cordel

- No Gabinete de leitura de Maruim, próximo ao porão misterioso relatado no folheto, alunos estarão de pé em círculo. A professora suscitará perguntas para motivação e previsão da leitura. Haverá leitura silenciosa das dez primeiras estrofes por parte dos alunos.
- Leitura expressiva por parte do (a) professor (a) das dez primeiras estrofes do cordel;
- Serão levantadas perguntas por parte do (a) professor (a) e dos alunos sobre a narrativa lida nessa atividade.

Um tiquinho de teoria

Silva (2009, p. 80) afirma que “Interesse e curiosidade são o cerne da motivação para leitura”. Nesse sentido, as atividades com a leitura silenciosa e expressiva no espaço retratado na trama do cordel e as perguntas instigadoras se constituem como ferramentas motivacionais para despertar o interesse do alunado pela leitura integral do texto e sua compreensão (SOLÉ, 1998, p.

Oxe, tem duas dicas sim Sinhô!

1. Você, professor (a), pode fazer as primeiras leituras em um espaço igual ou parecido constante no cordel escolhido. Também pode confeccionar cartaz, banner, slide de um cenário do cordel para motivar a leitura inicial e total do texto.
2. Algumas perguntas que podem ser feitas depois da leitura silenciosa e expressiva para as primeiras confirmações das deduções da narrativa: 1) O que existe no porão? Ele parece antigo e assustador? 2) O protagonista ou antagonista já aparecem no texto? 3) Por que os personagens queriam abrir o porão? O que será que tem lá dentro?

Mapa avaliativo das primeiras leituras da narrativa do folheto de cordel

Alunos / Desempenho	▪ Mostrou-se motivado pela leitura do folheto dentro ao gabinete de leitura.	▪ Conseguiu prever complicação da narrativa por meio da leitura silenciosa e em voz alta pela professora.	▪ Demonstrou atenção e interesse pela leitura integral do texto.
A1			
A2			
A3			

Fonte: Autoria Própria (2020).

Legenda:

E	EXCELENTE
S	SATISFATÓRIO
I	INSATISFATÓRIO

3ª ETAPA – b) Leitura integral e expressiva do folheto de cordel *As aventuras de Otto Schramm- as cobras do porão gabinete de leitura de Maroim.*

- Os alunos, após rever os elementos de leitura dramatizada, farão leitura compartilhada de forma expressiva;
- Em alguns momentos, a professora sinalizará pausas estratégicas para pôr em relevo o contexto da leitura, elucidar pontos cruciais e perguntas que facilitem a compreensão;
- Após leitura integral, a professora pedirá que os alunos façam autoanálise do texto, questionando se algumas hipóteses formuladas no decorrer da leitura foram confirmadas.

Um tiquinho de teoria

A leitura compartilhada e expressiva está no rol das estratégias de leitura. Ferrarezzi J. e Carvalho (2017, p.74-75) declaram que uma das atividades que mais intensificam o trabalho com leitura e compreensão do texto é a representação do texto. Silva (2009, p.30) corrobora com os autores citados quando revela que esses tipos de leitura vão “desvendando junto com os leitores as entrelinhas do texto [...]” e ainda “prepara o leitor para uma leitura autônoma”. (IDEM)

Mapa avaliativo da Leitura integral e expressiva do folheto de cordel

Alunos / Desempenho	▪ Participou da leitura compartilhada.	▪ Conseguiu entender o contexto sociocultural da leitura.	▪ Respondeu claramente às perguntas para compreensão da narrativa.	▪ Confirmaram suas hipóteses durante a leitura.
A1				
A2				
<u>A3...</u>				

Fonte: Autoria própria (2020).

Legenda:

E	EXCELENTE
S	SATISFATÓRIO
I	INSATISFATÓRIO

3ª ETAPA – c) Análise para compreensão do folheto de cordel *As aventuras de Otto Schramm- as cobras do porão gabinete de leitura de Maroim.*

- Haverá uma atividade em dupla ou trio para diagnosticar a compreensão leitora do folheto de cordel (temática, enredo, mensagem, crítica, humor, figura de linguagem, valorização da cultura maruinense, etc);
- Em dupla, os alunos providos de apostila sobre estrutura de folheto de cordel. Os exemplos contemplarão outro cordel “*As proezas de Zé Caititu*”, do cordelista e conterrâneo Eduardo Bittencourt e outros cordéis clássicos para estudo de rima, ritmo, estrofação e métrica;

- Debate sobre a desvalorização da cultura local: o cordel, do lugar onde vivem os alunos e variação linguística local.

Um tiquinho de teoria

Ferrarezzi Jr. e Carvalho (2017, p.164-165) mostram a importância de o leitor “identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto”. Daí a consideração de trabalhar a variedade linguística da região Nordeste presente no folheto de cordel nas aulas, pois “contribui, sobretudo para a compreensão do texto como uma construção sócio-histórica e dá a seu conteúdo um valor que ele não terá se isso passar despercebido”(IDEM, p.166). Portanto, apreciar o repertório linguístico regional é também atitude de respeito `Literatura de cordel a arte popular

Oxe, tem uma dica sim Sinhô!

Antes de realizar o debate sobre preconceito linguístico (e contra a literatura popular), vale a pena o (a) professor (a) investir um pouco de tempo sobre o assunto variedades linguísticas no Brasil, para que os alunos tenham consciência da existência das variantes e que nenhuma delas incorrem em erro no trato da oralidade.

Mapa avaliativo da análise para compreensão do folheto de cordel

Alunos / Desempenho	▪ Compreendeu a narrativa através da exploração dos elementos linguísticos.	▪ Demonstrou compreensão do contexto histórico, social e cultural do folheto lido.	▪ Adquiriu conhecimento da estrutura textual de folheto de cordel.	▪ Demonstrou atitude de respeito diante do preconceito linguístico, artístico e social durante o debate.
A1				
A2				
A3				

Fonte: Autoria própria (2020).

Legenda:

E	EXCELENTE
S	SATISFATÓRIO
I	INSATISFATÓRIO

4ª ETAPA – a) Trabalhando com o léxico e cultura local

- Pedir que os alunos explorem o léxico (palavras desconhecidas e pertencentes à linguagem popular no cordel;

- Solicitar uma pesquisa, em dupla ou trio, para que os alunos tragam uma coleta de palavras ou expressões culturais advindas de falares de seus familiares, vizinhos, etc. que se enquadrem na variante linguística popular de Maruim. Os alunos também vão fotografar pontos históricos, da zona urbana ou rural. Farão *banners* ao estilo de cartão postal com essas fotografias, cujas legendas informativas do local contemplarão os falares populares oriundos da coleta da pesquisa. Haverá um momento para expor esses trabalhos.
- Execução do jogo “Corrida do dicionário regional”, momento de entretenimento no dia da exposição dos *banners*.

Vejam as regras e um exemplo de jogo concluído:

JOGO – CORRIDA DO DICIONÁRIO REGIONAL

É um jogo que trabalha com léxico regional, xilogravura e informações ou conceito palavras ou expressões populares para compor um dicionário com imagens.

Onde? No pátio coberto (mas pode ser em sala de aula)

Como? Os alunos serão divididos em 5 grupos. Cada grupo receberá uma caixa fechada de papelão com 9 placas (de papelão, cartolina tipo *colorset* ou papel catão etc.) assim disposta:

- Três placas serão gravadas com uma palavra ou expressão popular da região (uma palavra ou expressão para cada placa);
- Mais três placas com três imagens de xilogravura que retratam as palavras ou expressão (uma imagem por placa);
- Mais três placas com o significado ou conceito da palavra ou expressão popular (um conceito ou significado para cada placa).

Assim, haverá 5 caixas com 9 placas, dentro de cada uma, conforme as instruções supracitadas. Essas placas estarão na caixa embaralhadas e algumas delas contemplarão palavras do cordel estudado e da coleta dos alunos.

Cada grupo, em fileira, terá na sua frente (cerca de 4 a 6 metros) 1 placa de isopor identificando cada grupo e marcadas (desenhada ou pintada) com retângulos do mesmo tamanho das placas da caixa, ou seja, 3 retângulos em cada ‘linha’, totalizando 9 espaços para serem preenchidos pelos alunos.

O primeiro espaço sempre corresponde à palavra, o segundo à imagem e o terceiro ao significado. A professora explicará que, ao seu sinal, apenas um aluno da frente de cada grupo poderá pegar uma placa (sem escolha), e colar no devido espaço (o da palavra, da imagem, no meio e de significado). Ele deve voltar à fileira e tocar a mão do segundo aluno e vai para o final da fila. O segundo aluno, após o toque, é liberado para pegar outra placa. Caso não combine com a primeira placa, ele vai colar na linha seguinte. Esse processo será feito até que as placas estejam todas alinhadas. Será o grupo vencedor aquele que completar os espaços primeiro e de forma correta.

Palavra ou expressão	Xilogravura	Significado
Bate-coxa		Dança popular, geralmente forró.
Encangadas		Andam juntas; vivem acompanhadas uma da outra.
Labafero		Confusão, briga, desordem.
EXEMPLO DE JOGO CONCLUÍDO		

Fonte: Autoria própria (2020).

Um tiquinho de teoria

É de suma importância trabalhar o vocabulário de um folheto de cordel. Lá reside uma riqueza de falares populares típicos de uma região. Antunes (2012, p. 46) revela “[...] o repertório lexical que manejamos constituem ‘pistas’ claras de nosso pertencimento aos grupos onde tecemos nossa identidade”. O trabalho com o léxico não só facilita a compreensão leitora, mas se compromete com a valorização das diversidades sociolinguísticas. Paim (2019) é categórica ao dizer que há “diferentes formas de dizer o mesmo com o mesmo valor de verdade num determinado contexto comunicativo” (PAIM, 2019, p.63).

IMPORTANTE!!!

Caso haja dificuldade de encontrar as xilogravuras relacionadas às palavras ou expressões populares de sua região, invista nas figuras de jornais, revistas etc. para reforçar a atividade verbo-visual. Não esqueça de mencionar a autoria das imagens.

Mapa avaliativo - Trabalhando com o léxico e a cultura local

Alunos / Desempenho	▪ Explorar o léxico do cordel em estudo, em especial, palavras populares da região.	▪ Coletou palavras e expressões populares peculiares de Maruim. Fez os registros fotográficos.	▪ Participou do processo de escrita da legenda do <i>banner</i> , da exposição desse e do jogo.	▪ Reconheceu a importância de valorizar sua identidade cultural.
A1				
A2				
A3 ...				

Fonte: Autoria própria (2020).

4ª ETAPA – b) Planejamento da escrita do folheto de cordel e da ilustração da capa

- Em dupla (se os alunos preferirem) os educandos vão pensar e escolher para escrever seu folheto de cordel: tema, métrica, rima, estrofe, um (uns) espaço (s) de Maruim, personagens, lista de vocabulário típico da região, ilustração da capa etc.
- A professora indicará links de canais de cordéis de cordelista maruinense e de outras localidades para interação com cordel e seus autores.

Um tiquinho de teoria

No letramento, o último passo é atividade com a escrita. Esta é precedida da leitura e da compreensão do texto, aqui, o folheto de cordel. Os alunos precisam dominar o ato de escrever também, pois “a palavra escrita tem poder de emancipar o aluno” de uma sociedade tão injusta com os menos favorecidos (KLEIMAN e MORAIS, 2007, p.55). As autoras ainda salientam que trabalhar com leitura que visa o ensino da escrita é inserir o aluno no mundo do livro, na ciência, na sua herança cultural e literária. (IDEM, p. 56). A proposta deste caderno favorece essas práticas de leitura e escrita.

Oxe, tem uma dica sim Sinhô!

Professor (a), vale a pena mediar o planejamento da escrita do folheto de cordel com ajuda do material sobre estrutura do folheto de cordel, disponível no Apêndice C deste trabalho.

Mapa avaliativo – planejamento do folheto de cordel e da ilustração da capa

Alunos / Desempenho	▪ Formaram as duplas para escrita do cordel.	▪ Escolheram temática e estrutura e vocabulário regional.	▪ Planejou a narrativa do cordel (apresentação, enredo e desfecho).	▪ Interagiu com cordelistas e seus cordéis em redes sociais.
A1				
A2				
A3 ...				

Fonte: Autoria própria (2020).

▪ 4ª ETAPA – c) Entrega da primeira versão da produção do folheto do cordel e da ilustração da capa; procedimentos para publicação dos cordéis.

- As duplas entregarão a primeira versão dos seus folhetos, já autocorrigidos, à professora;
- As duplas também apresentarão a primeira versão (ou já concluída) da ilustração dos seus respectivos cordéis.
- O (A) professor (a) será responsável pelo trabalho gráfico; Acontecerá, no dia do evento escolar ‘Café Literário’, a exposição dos seus folhetos; as duplas terão uma manhã de autógrafos, recitação dos seus cordéis;

Um tiquinho de teoria

A autocorreção do texto é fundamental no processo de finalização de uma produção textual. Nesse procedimento, o aluno, “de escritor, passa a ser leitor de si mesmo”, explica Passarelli (2012, p. 160, 161). Para a autora, a revisão do texto “denota preocupação do redator em adequar seu texto ao destinatário, sem perder de vista a finalidade do texto.” (IDEM). É importante a interação do (a) professor nesse processo: “concordando, discordando, acrescentando, perguntando etc.” (GERALDI, 2012, p. 128), enfim, ajudando o aluno a aprender.

IMPORTANTE!!!

O processo de editoração fica a critério das condições de cada escola – e de cada professor (a). Há custos para impressão dos folhetos fora da escola, e isso deve ser pensado pelos professores, alunos e gestores. Entretanto, é a criatividade que trilhará os rumos da editoração dos folhetos de cordel na impossibilidade de impressão formal.

Oxe, tem uma dica sim Sinhô!

Professor (a), você pode adaptar o evento literário ‘Café Literário’ para outros, como encontros, saraus, ou uma feira (literalmente) de cordel, composta de barracas de cordéis produzidos pelos alunos. Toda a comunidade escolar e familiares seriam convidados. Um evento com abordagem de folheto de cordel pode ultrapassar os limites de festejos juninos e semana do folclore.

Mapa avaliativo- Entrega da primeira versão do folheto de cordel e da ilustração da capa; procedimentos para publicação dos cordéis

Alunos / Desempenho	▪ Escreveu a primeira versão do folheto de cordel.	▪ Ilustrou a capa do folheto de cordel.	▪ Entendeu e sugeriu como será a editoração e publicação dos folhetos produzidos.
A1			
A2			
A3 ...			

Fonte: Autoria própria (2020).

FIM DE PROSA!!!

Na sequência exposta neste caderno pedagógico, com vistas às adaptações necessárias para cada turma e/ou professor (a), pode ser trabalhado outro folheto de cordel que mais se encaixe na realidade sociocultural dos alunos. Dessa forma, a imersão de professores e alunos no universo da literatura popular será mais proveitosa.

Esperamos que este trabalho lhe seja favorável às suas aulas de prática de letramento. Este é nosso propósito – contribuir para que você, professor (a), possa fazer aulas de leitura e escrita de mãos dadas com a diversidade cultural tão marcada não só nos folhetos de cordéis, mas também no universo dos alunos.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS PARA CAPA E NARRATIVA DO FOLHETO DE CORDEL

Sugestões de perguntas sobre a capa do folheto de cordel

- 1- Analisando a capa do folheto, você acha que a história se passa na atualidade?
- 2- Quais são os elementos da capa que dão pistas para sua resposta acima?
- 3- Pela leitura visual da capa, dá para deduzir quem é o herói ou heroína e o vilão ou vilã da história. Por quê?
- 4- Você acredita a história vai acontecer no porão do gabinete de leitura de Maruim?

Sugestões de perguntas sobre a narrativa “As aventuras de Otto Scharamm: as cobras do porão gabinete de leitura de Maroim”

Da 1ª a 15ª estrofe

- 1- Para que se trabalhou por três dias no gabinete de leitura?
- 2- Qual foi o instrumento utilizado para cavar a terra?
- 3- Após escavação, encontraram uma tampa e um aviso escrito nela: esse aviso era animador? Por quê?
- 4- Quais foram as maneiras de tentar abrir o porão do gabinete?
- 5- Finalmente, como o porão foi aberto?
- 6- O que saiu do porão após ele ser aberto?

Da 16ª a 30ª estrofe

- 1- Qual foi a reação do personagem Thomaz Rodrigues da Cruz diante da situação?
- 2- Muitos maruinenses fugiram para qual município? E os alemães fugiram para onde?
- 3- Otto Scharamm, o cônsul alemão, foi arrastado pelas cobras até a praça. A cascavel o largou na frente de quem?

Da 31ª a 53ª estrofe

- 1- O cônsul Otto se curvou diante da cobra-rei?
- 2- O que as cobras queriam do cônsul?

- 3- Ao escapar das cobras, o cônsul foi a até a tia Adolphine. Ela deu a Otto uma flauta mágica. Que poder esta flauta tinha?
- 4- Como Otto venceu as serpentes?
- 5- Depois de derrotadas, as cobras foram aprisionadas em que lugar?
- 6- A história termina com o porão trancado. Você acredita que ainda existem essas cobras falantes no porão do gabinete de leitura?

Sobre a linguagem e contexto histórico

- 1- Pelo seu repertório linguístico, a palavra labafero que consta na 15ª estrofe quer dizer:
☐ Lamento ☐ Sofrimento
☐ Confusão ☐ Alegria
- 2- Para você, o que significa o termo ‘presepada’, também contido no folheto?
- 3- O folheto de cordel geralmente traz gracejo e humor. Relate um gracejo da página 11.
- 4- Na narrativa, há realidade histórica e fantasiosa. Identifique uma situação real de Maruim e uma de fantasia contidas no folheto.

Material apostilado sobre a estrutura do folheto de cordel

MATERIAL SOBRE A ESTRUTURA DO FOLHETO DE CORDEL

Você sabe por que o nome é cordel?

Porque na sua origem, esse gênero literário era escrito em folhetos e pendurados em cordão (barbante) em bancas de feira livre ou mercados do Nordeste brasileiro. Eis o motivo de chamar cordel.

De onde veio mesmo o cordel?

O folheto de cordel do Brasil teve suas raízes em Portugal. Mas o cordel brasileiro passa a ter características próprias ao ser introduzido no nosso país na região nordestina por volta do século XVIII. Primeiro, o cordel foi cantado ou recitado em feiras ou festas. Depois ganhou a forma impressa acompanhado de xilogravura. Alguns cordelistas que se destacaram como clássicos: **Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, Manoel D’Almeida Filho, dentre outros.**

Essas produções de poesia popular conquistaram os nordestinos, pois elas, de maneira simples, concebem a riqueza histórica, religiosa, cultural, social e artística do povo do Nordeste. Hoje existem muitas academias de literatura de cordel em várias regiões do Brasil.

Vamos entender como é um cordel?

Trata-se de uma narrativa em forma de poema rimado que contempla temas oriundas das tradições populares de uma região. Vejamos como pode estar organizado um folheto de cordel:

1. Capa – é um elemento visual muito importante, pois, através da xilogravura, desenhos, título e autoria, a história começa a ser contada ou sintetizada. Observe como um cordelista descreveu os ilustradores decapa de cordel:

“[...]
Muitos são os gravadores,
Fazendo xilogravuras
Que ilustram suas capas
E páginas com figuras,
Trabalhando em madeiras.
Sejam moles ou bem duras”
(Franklin Machado, em O cordel do cordel, 1982).

2. Miolo – depois da capa, encontramos o miolo, que são as páginas da composição textual. Um folheto de cordel pode ser produzido entre 8 até 48 páginas.

a) **Conteúdo** – no folheto de cordel, podemos descobrir várias temáticas não só das tradições populares. Há cordéis que retratam pelepas, proezas de herói, fantasias, historicidade, sofrimentos, paixões, sagas, notícias locais, denúncia social, enaltecimento, biografias, romances, e muitos outros temas geralmente acompanhados com humor. Vamos dar uma olhada na proeza do herói, da linguagem popular e humor do folheto de cordel *As Peripécias de Zé caititu*, de Luiz Eduardo Bittencourt da Silva:

Os ladrões então alegres:
_Essa é a que vai ser
Jogue esse cabra da peste
Na ribeira e vamos ver
Ele morrendo afogado
Sem ninguém apiedado
Nós vamos vê-lo sofrer.

Pegaram Zé caititu
E jogaram na maré
Ele começou a afundar
Ladrões de orelha em pé
Por baixo ele foi nadando
Com os peixes foi brincando
Mangando dos “Zé Mané”.

Quando bem distante estava
Aos risos e gargalhadas
Gritou alto pra os ladrões
Que não entendiam nada
_ Seus otários, vacilões
Nado feito os tubarões
Vou seguir minha jornada.

b) **Estrofação** – segue algumas formas encontradas no folheto de cordel quanto à organização das suas estrofes:

- Quadra (estrofe de quatro versos)
- Sextilha (estrofe de seis versos)
- Setilha (estrofe de sete versos)
- Oito pés de quadrão ou oitava (estrofe de oito versos)
- Décima (estrofe de 10 versos)
- Martelo agalopado (estrofe de 10 versos com tonicidade forte na 3ª, 6ª e 10ª sílaba de cada verso.)

Observe! No cordel *As peripécias de Zé Caititu*, o autor escolheu compor a história com setilha.

c) **Métrica** – os versos que são cada linha do poema, podem estar representado assim no folheto de cordel:

- Parcela ou verso de quatro sílabas;

- Verso de cinco sílabas;
- Versos de sete sílabas;
- Versos de 10 sílabas;
- Versos de 12 sílabas
-

d) **Rimas** – as rimas podem ser elaboradas de várias formas. Podemos encontrar as rimas alternadas, emparelhadas e interpoladas folhetos de cordel. Vamos verificar como elas ficam dispostas em outra estrofe do no cordel *As peripécias de Zé Caititu*:

Personagens das estórias	A
São espertos pra chuchu	B
São alegres e arteiros	C
Vão do norte até o sul	B
Existiu um muito esperto	D
Numa cidade bem perto	D
Chamado Zé Caititu.	B

Essa elaboração de rimas é muito comum em folhetos de cordel. Mas há autores que preferem o uso somente das rimas alternadas, como mostra João Firmino Cabral em *O exemplo da moça que casou com o capeta*, 2011):

Quem acredita em castigo
 Para o desobediente
 Por favor leia esse caso
 Que se deu antigamente
 Mostrando quanto padece
 A pessoa que é descrente.

Agora que você já conhece a estrutura do folheto de cordel, planeje a escrita do seu. Lembre-se: sua história precisa ter um início, uma complicação, o desenrolar dessa complicação e um desfecho.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. São Paulo: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BORJES, J. **Crianças no campo**. Xilogravura. Disponível em: <https://www.pinterest.se/pin/853995148060275110/>. Acesso em: 02 dez. 2020.
- _____. **A chegada da prostituta no céu**. Xilogravura. Disponível em: <http://artepopularbrasil.blogspot.com/search/label/J.%20Borges>. Acesso em: 02 dez. 2020.
- _____. **Forró pé de serra**. Xilogravura. Disponível em: <http://artepopularbrasil.blogspot.com/search/label/J.%20Borges>. Acesso em: 02 dez. 2020.
- CABRAL, João Firmino. **O exemplo da moça que casou com o capeta**. 1ª ed. – Fortaleza: Tupynanquim, 2011.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.
- FERRAREZI JR., Celso; CARVALHO, Robson Santos de. **DE alunos a leitores**: o ensino da leitura na educação básica. - 1ª ed – São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Editora Cortez, Autores Associados, 1989.
- GERALDI, J. W. (Org.) **O texto na sala de aula**. – São Paulo: Anglo, 2012.
- ISRAELÍ, Hefraim A. **As aventuras de Otto Schramm** -as cobras do porão do gabinete de leitura de Maroim. 1ª ed. – Aracaju: Datagraph, 2019.
- JESUS, Alan Santos. **Labafiro: a diversidade cultural de Maruim no processo de leitura e escrita através do cordel**. Desenho digital. 2020. 1 Gravura.
- KLEIMAN, Angela B.; MORAES, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade**: tecendo redes nos projetos da escola. - 7ª ed – Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999 – (Coleção Ideias Sobre Linguagem).
- LEFFA, Vilson J. **Perspectivas no estudo da leitura**: Texto, leitor e interação social. In: _____. PEREIRA, Aracy, E. (Org.). O ensino da leitura e produção textual: Alternativas de renovação. Pelotas: Educatt, 1999, p. 13-37.
- LOUREIRO, Clarissa. **A importância das capas na simbolização da literatura de cordel ao longo de sua história**. Linguagens- Revista das letras, arte e comunicação. Blumenau, v. 4, n.3, p. 260-271, set./dez. 2010. Disponível em: Luciana Debatin (furb.br). Acesso em: 01 set. 2020.
- MACHADO, F. **O cordel do cordel**. 1982, 8p. Disponível em: <<http://cordel.edel.univ-poitiers.fr/viewer/show/148>>. Acesso em: 09 dez. 2020.
- PAIM, Marcela Moura Torres. **Tudo é diverso no universo**. 1ª ed.- Salvador: Quarteto, 2019.
- PASSARELLI, Lílían Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Telos, 2012.
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- PERROTTI, Edmir. **Elementos para o debate**: a escola como oficina lúdica. In: Anais do primeiro seminário sobre o papel da arte no processo de socialização e educação da criança e do jovem, n. 1. São Paulo, Unicsul/SP, 1995, p. 26-30.
- RIGONATTO, Mariana. **Folhetos de cordel**. Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/portugues/folhetos-cordel.htm>. Acesso em 04 nov. 2020.

ROIPHE, Alberto. **Folheto de cordel**: um gênero verbo-visual. In: _____; FERNANDEZ, Marcela Afonso (Org.). *Gêneros textuais: Teoria e prática nos anos iniciais do Ensino Fundamental*. Rio de Janeiro: Rovel, 2011, p. 113-135.

ROZA, Edileide Santos. **Cordel, letramento literário**: teoria e prática. 2018. 154\227f. Dissertação (Mestrado em Letras) -Universidade de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

SERGIPE. **Currículo de Sergipe**: educação infantil e ensino fundamental. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1pfs1jDL9yamHg8Dfsc-j6392_UUVYYH/view. Acesso em 04 abr. 2020.

SILVA, Luiz Eduardo Bittencourt da. **As peripécias de Zé Caititu**. Volume 1.1ª ed- Aracaju: Datagraph, 2020.

SILVA, V. M.T. **Leitura Literária & outras leituras**: impasses e alternativas no trabalho do professor. 1ª ed. – Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Tradução: Claudia Shilling; revisão técnica: Maria da Graça Souza Horn. – 6ª ed- Porto Alegre: Penso, 1998.